



## **Morgadio de Molelos.**

### **Henriques Esteves e Filipa Nunes, Molelos, 1520.**

A aldeia de Molelos situa-se no vale de Besteiros, a sul da serra do Caramulo, no concelho de Tondela. A sua ocupação humana remonta à idade do cobre e o seu nome é referido documentalmente pela primeira vez no testamento do presbítero Hermígio, datado de 1 de Junho de 1101, onde este doa ao mosteiro de Lorvão, na pessoa do seu prior Eusébio, a igreja e todo o lugar de Molelos, acrescentando que tinha obtido estes bens por presúria, juntamente com seus pais, Truquesindo e Araguntes, no tempo do rei Afonso VI de Leão e Castela e do segundo conde de Coimbra, Sesnando Davides (CARVALHO, 1981: 171).

Molelos era a sede administrativa do extinto concelho de Besteiros, que teve foral manuelino em 1515.

O Paço de Molelos situa-se no coração desta aldeia que lhe dá o nome. Terá sido na sua origem uma casa-torre medieval (cujas ruínas ainda subsistiam em meados do séc. XVII) e, no início da centúria de quinhentos, era habitado pela família de Henrique Esteves e de sua mulher, Filipa Nunes, instituidores do morgado de Molelos (DUARTE & FERROS & COIMBRA, 2018: 70 e seg.).

Detentores de um vasto património, é-nos hoje difícil perceber a extensão do mesmo. Henrique Esteves administrava, para além dos bens de Molelos, a capela do Espírito Santo, por si instituída no convento de São Francisco de Orgens, em Viseu; a capela de São Leonardo, na igreja de Santa Justa de Coimbra, instituída por seu ascendente, Leonardo Esteves; a honra de Nandufe, com os seus casais de Santa Ovaia e Valverde; diversos senhorios e propriedades em Aveiro, Recardães, Mortágua, etc (FERROS & FERROS & LEITÃO, 2017: 177 e seg.) .

Foi na “quinta dos virtuosos Henrique Esteves, fidalgo, e Filipa Nunes, sua mulher”, em Molelos que, no dia 16 de Junho de 1520, na presença de João Fernandes, tabelião do concelho de Besteiros, Manuel de Azevedo, cavaleiro, e António Fernandes de Quadros, primo de Filipa Nunes, foi assinado o testamento de mão comum deste casal (APM – Tombo do Morgado de Molelos, 1659, fl. 5v).

Como sua última vontade disseram que eles, por remissão dos seus pecados, ordenavam neste dia para todo o sempre e faziam em a igreja de São Pedro, junto da dita quinta de Molelos, uma capela na dita Igreja. Nomeavam como administrador, Henrique da Veiga, seu filho segundo e, para a instituição desta capela, ambos dispuseram do terço de todos os seus bens de raiz, considerando que os de Molelos representavam duzentos e cinquenta mil reais dos mais

de um milhão e cinquenta mil em que avaliaram tudo. Desta forma não levantavam questões com a herança do filho mais velho, Fernão Nuno.

Quanto à sucessão no morgado, esta devia seguir na descendência do filho primogénito de Henrique da Veiga e assim sucessivamente. Obrigavam aos futuros administradores, para além dos encargos pios e pagamentos ao celeiro real, residirem pelo menos dois meses por ano em Molelos para cumprir e dar a dita conta e haver quitação, só podendo o administrador ser escusado de o fazer se estivesse ausente, ao serviço do rei. Deixavam a responsabilidade de fiscalizar as obrigações do morgado aos juizes de Besteiros, aos quais deixavam uma marrã de quarenta arráteis e um par de capões, por esta obrigação, e estipulavam que caso estes o não pudessem fazer cumprir, deveriam pedir ao bispo de Viseu que o fizesse. No caso de incumprimento dos administradores, deveria ser pedido ao rei que passasse a administração ao mais chegado parente que houver de sua geração.

Henrique Esteves faleceu em setembro de 1523. Pouco tempo depois, a 7 de fevereiro de 1525, a viúva, Filipa Nunes, estando doente, fez um codicilo ao referido testamento, onde ordenou aos seus testamenteiros que mandassem fazer uma cruz de prata, de três marcos, que deixava à igreja de Molelos, com a condição que ela ficasse sempre em guarda e poder do administrador do morgado e seus herdeiros (APM – Tombo do Morgado de Molelos, 1659, fl. 14v).

Henrique da Veiga, o primeiro administrador do morgado, casou com Beatriz Henriques, de Aveiro. Ambos fizeram seu testamento comum em Aveiro, a 16 de julho de 1561 (APM – Tombo do Morgado de Molelos, 1659: Fl 18). Por esta altura já a capela estava construída e os testadores acrescentaram às obrigações do morgado o pagamento anual de dois alqueires de azeite para se alumiar a lâmpada da dita Capela, para além de mais encargos pios, por isso, adicionaram mais um casal aos bens de raiz do morgado. Por fim, depois de descreverem vários legados aos seus herdeiros, deixam anexado ao morgado de Molelos o remanescente da sua terça disponível, composto por todos os bens que possuíam no lugar do Botulho (Freguesia de Molelos).

As gerações seguintes foram igualmente adicionando bens ao morgado e, principalmente por razões de matrimónio, foi acrescentada à Casa de Molelos a administração dos vínculos da capela de D. Gil Alma, em São Domingos de Lisboa, e o morgado de D. Pedro Vieira da Silva, na Batalha.

Após a extinção dos morgados estes bens foram-se diluindo em diversas heranças, estando o Paço de Molelos ainda na posse de descendentes dos instituidores do morgado, Henrique Esteves e Filipa Nunes.

**Manuel Ferros**

**Coordenação: Maria de Lurdes Rosa e Rita Sampaio da Nóvoa**

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

Arquivo do Paço de Molelos (APM), *Tombo do Morgado de Molelos* (1659).

Carvalho, A. F.,(1981) - *A Terra de Besteiros e o Actual Concelho de Tondela*. (2ª ed). Tondela: Câmara Municipal de Tondela.

Duarte, A., Ferros, M. & Coimbra, R. (Coor). (2018) - *Molelos – Estudo Monográfico*. Molelos. Centro Social Paroquial de Molelos.

Ferros, L., Ferros, M. & Leitão, R. A: (2017) - *Concelho de Tondela – Heráldica, História e Património*. Lisboa: Edições Colibri.

